



---

## APRESENTAÇÃO

Há várias modernidades, em vários tempos, vários espaços, várias línguas. Há modernidades não necessariamente convergentes sob as perspectivas da historiografia, da economia, da sociologia, das ciências, da filosofia. Podemos abordá-la como um período da história da arte e da literatura, delimitando fronteiras temporais para seu advento e seu ocaso; podemos entendê-la como uma postura crítica do presente em relação ao passado. Seja como for, a modernidade literária pressupõe consciência história, consciência do lugar – de ruptura ou não – que o escritor ocupa diante de uma tradição. Sua relação com as vanguardas – com as quais muitas vezes é, inclusive, confundida – coloca, além disso, outras questões, a aceleração do tempo, o novo, a revolução, a utopia estético-política.

Se a poesia contemporânea, por sua vez, se inscreve no espaço-tempo da pós-utopia, da extenuação dos grandes projetos político-literários, como nos diz Haroldo de Campos, em “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico”, de 1984, pretendo necrológio da vanguarda, é preciso reconhecer, por outro lado, que o fim das vanguardas ainda não deixou de ser uma questão para o presente, tamanha sua persistência, a despeito dos vários anúncios de sua morte. Ao estabelecer uma relação crítica – crítica da crítica, nos diz Octavio Paz – com o moderno, apropriando-se do passado de acordo com os interesses do presente, e não dos grandes programas utópicos, o contemporâneo (na falta de palavra melhor) se coloca em linha de choque, nem de ruptura, nem de continuidade, mas de choque com a tradição moderna. Esse choque, o entendemos mais como um conjunto de questões, de proposições do que como um *parti pris* claro e homogêneo. Na “pluralidade das poéticas possíveis”, nos termos outra vez de Haroldo de Campos, e nas várias formas de recuperação do passado, o contemporâneo se revela como uma postura – antimoderna? – pós-moderna? – supermoderna? – de espacialização crítica



---

de uma posição que, antes, se inscrevia como linha, como ponto de fuga no horizonte utópico.

As consequências dessa problematização do passado (?) moderno não são perceptíveis apenas na produção dos poetas, mas atingem em cheio também o edifício da crítica e da teoria literária, convidadas a rever conceitos, procedimentos e autores que ficaram marcados pela visada moderna/modernista. Não por acaso, os estudos literários têm se dedicado, nas últimas décadas, a rever conceitos centrais para a história da poesia. Exemplo emblemático é o esforço de vários teóricos atuais em recuperar criticamente o conceito de lirismo, que a modernidade poética quis abolir, em nome da categoria negativa da “despersonalização”. Não se trata, está claro, de um retorno ingênuo ao subjetivismo romântico, mas de propor uma discussão mais aguda a seu respeito, à luz das contribuições também de outras áreas, para uma discussão mais ampla a respeito do lugar do sujeito na cultura e no pensamento contemporâneos.

O mesmo vale para os conceitos de poesia, sua relação com as outras artes, suas estratégias de intervenção pública, suas relações com minorias e projetos políticos de toda ordem. Parece que o contemporâneo (sempre na falta de termo melhor) se propõe a explodir o *continuum* da história da poesia moderna, estilhaçando seus limites linguísticos, semióticos e ideológicos. E, com esse movimento, demonstra que sua conversa com o moderno é dinâmica e não se reduz aos pólos fáceis da continuidade e da recusa.

Os artigos que recebemos para este dossiê dão a ver essa explosão contemporânea da diversidade, que não se reduz, claro, ao simplismo do vale tudo, mas dá conta de uma nova estratégia de relação com o passado em geral e a tradição literária em particular. Os trabalhos contemplam três grandes eixos: o moderno relido a partir de categorias críticas do agora, o retorno fantasmático do moderno e das vanguardas na produção do presente e o questionamento contemporâneo dos limites



---

da própria poesia e da crítica, sua insuficiência diante do objeto, sua historicidade, sua parcialidade incontornável.

No primeiro eixo destacamos duas produções que operam uma análise crítica de escritores bastante marcados por uma fundação na modernidade, como é o caso das poetisas portuguesas Florbela Espanca e Sophia de Mello Breyner Andresen, no artigo das autoras Clarice Zamonaro Cortez e Maria Alice Sabaini de Souza Milani. O texto propõe uma leitura das imagens noturnas, elemento tipicamente pertencente ao imaginário poético da modernidade, na construção da paisagem poética em ambas as poetisas. Para tanto, as autoras do artigo mobilizam a leitura crítica a partir do pensamento de Blanchot e M. Collot de modo a mostrar como a paisagem, para além de um mero componente descritivo da natureza, revela um estado d'alma do sujeito lírico por meio da solidão e das lembranças.

No mesmo caminho, o artigo de autoria de Phelipe Fernandes de Oliveira recupera os poetas Gregório de Matos e Luiz Gama a fim de discutir como a sátira do Antigo Regime contribui para incrustar valores tipicamente modernos na cultura e sociedade brasileira. Sob a perspectiva teórica de autores como João Adolfo Hansen e Luiz Costa Lima, o artigo argumenta em favor da transitoriedade como um componente poético da sátira capaz de colocar em questão temas como o tempo e o espaço, bem como os modos pelos quais a poesia, e por extensão sua veia retórica, alarga os conceitos de gênero, de riso, ironia, etc. Como vimos, ambos os artigos se valem de um repertório crítico que se sustenta na transversão entre o moderno e contemporâneo, leem autores vinculados à formação da modernidade à luz da crítica contemporânea que se preocupou em nos fornecer modos e meios de ler a modernidade no deslocamento temporal que marca, sempre de modo tenso, nossa compreensão deste complexo período de nossa cultura literária.

Já o segundo eixo reúne artigos que contribuem para pensarmos o retorno do moderno e das vanguardas na produção do presente. O texto de Alberto Pucheu propõe uma leitura inédita da poesia de Carlos Assumpção, recentemente trazida à



---

tona de forma mais sistemática para o cenário das Letras brasileiras. Pucheu constrói uma crítica à contrapelo do fluxo mais consensual da história da poesia brasileira ao pensar a obra de Carlos Assumpção, cujo poema “Protesto” é considerado um dos momentos-chave do período histórico recortado no debate do artigo e mesmo do projeto poético de Assumpção, como um ponto de inflexão no modo de pensar a formação da vanguarda e da poesia concreta brasileiras como o momento de abertura para o advento de certa poesia contemporânea. Certamente muitas obras e autores ficaram deslocados do eixo vanguardista-concreto brasileiro, retornar ao que ficou esquecido é tarefa urgente da crítica brasileira contemporânea, retorno que Alberto Pucheu faz pela poesia negra de “Seu Carlos”, como carinhosamente vem sendo chamado em suas aparições mais recentes.

Na esteira do retorno crítico de Alberto Pucheu, os artigos de Francine Fernandes Weiss Ricieri e Carlos Francisco Morais visitam a presença de dois de nossos poetas mais efervescentes da arquitetura moderna, a saber, Manuel Bandeira e Murilo Mendes, e a frequência de tais poetas à obra de dois autores da nossa contemporaneidade, Sérgio Medeiros e Ricardo Aleixo. A partir do que considera uma “cosmogonia poética”, Francine Ricieri pensa a relação entre Bandeira e Sérgio Medeiros na potência fundadora das imagens, sobretudo a partir da criação de um novo *cosmos* poético aberto para a reflexão em torno do próprio ato criativo. Carlos Morais, por sua vez, também se vale de um universo poético constelar entre Ricardo Aleixo e Murilo Mendes. O artigo nos revela o labor poético de Ricardo Aleixo em sua destreza curatorial em fazer girar em torno de sua obra, e no interior dela, uma constelação de outros poetas com os quais Aleixo não só dialoga, como se pode pensar a partir das noções de influência e de escolha de seus precursores, mas, sobretudo, os manipula de modo a tomá-los como autores vivos para visita em um museu-de-tudo-poético disponível para o leitor.

O último artigo desse segundo eixo, de nossa autoria, nos ajudou a pensar a organização do presente Dossiê. Propomos uma aproximação entre as obras de



---

Manoel de Barros e Arthur Rimbaud a fim de destacarmos não só o deslimite poético entre o moderno e o contemporâneo, mas também a permanência dos “saberes” poéticos rimbaudianos, tais como a vidência, o desregramento da linguagem e o retorno ao chão, na poética de Manoel de Barros, que por sua vez, dá um novo tratamento poético a esses temas. O artigo, ao lado dos outros três acima mencionados, contribui para notarmos como, por meio desses processos de transição e permanência entre o moderno e o contemporâneo, os poetas fundam, sempre e outra vez, uma nova realidade que insiste em desaparecer.

Por fim, o terceiro eixo, que reúne a parte mais extensa dos artigos publicados no presente dossiê, gira em torno do questionamento contemporâneo dos limites da própria poesia e da crítica. O texto de Lucía Tennina é um desses que se propõe a pensar os limites da crítica e seus desafios frente à diversidade da produção contemporânea. A professora argentina nos força a pensar o exercício crítico para além dos posicionamentos convencionais da academia, lançando uma hipótese original de pensar a crítica literária como uma tarefa editorial, o que ela denomina de “crítica anfíbia”, situando o crítico histórica e socialmente diante dos autores e obras com os quais dialoga e estuda.

Dada essa abertura crítica e o (re) posicionamento de quem lê a produção poética contemporânea, os textos de Patrícia Lino, Lucas Toledo de Andrade, Augusto Corrêa Cipriani e Lívia Ribeiro Bertges em coautoria com Vinícius Carvalho Pereira, cada um a seu modo, pensam a expansão do texto poético para a dimensão performática de suas manifestações. Patrícia Lino propõe uma leitura da performance poético-corporal de Eduardo Kac e a dimensão espacial que ocupa; Lucas de Andrade promove uma leitura das imagens que insistem em permanecer como perturbação na obra do cantor e compositor Criolo; Augusto Cipriani faz uma leitura da dimensão pictórica da poesia de Waly Salomão e a relação com a obra de Paul Klee; na mesma esteira, o texto de Lívia Ribeiro Bertges e Vinícius Carvalho Pereira pensa o experimentalismo gráfico e a relação com a escrita poética na obra de Pierre Garnier.



---

Numa ampliação dos modos de ler a produção contemporânea, além dos desdobramentos do poético, do performático e dos experimentalismos, como citados há pouco, os trabalhos de Milena Karine de Souza Wanderley, Jucimara Braga Alves, Stelamaris da Silva Ferreira em coautoria com Wellington Furtado Ramos, Cinthia Maritz dos Santos Ferraz Machado, Jailma Da Costa Ferreira, Jucely Regis dos Anjos Silva e Maria Fernanda Martinez Souza se debruçam nas especificidades de composição dos poetas estudados. O leitor encontrará um repertório rico de obras e autores, tais como Hilda Hilst, Manoel de Barros, Emmanuel Matinho, Carlos Nejar, Ana Cristina César, Italo Dibrasi e temas igualmente variados, que mobilizam a discussão de conceitos como intertextualidade, metapoesia, a presença do retorno e da insignificância como recursos poéticos, a revisitação à historiografia poética brasileira a fim de expor as tensões da poesia marginal, a escritura feminina e outros temas.

Além dos três grandes eixos nos quais o Dossiê se organiza, há uma parte dedicada às resenhas críticas. Nesse último, e não menos importante eixo, contamos com as resenhas de Ranieri Carli e Gustavo Tanus.

Por fim, destacamos que o principal interesse com os artigos reunidos no presente Dossiê, para além de estabelecerem um diálogo com estudantes e professores, motivem reflexões que possam, eventualmente, instigar seus leitores a produzirem novos estudos no campo das poéticas moderna e contemporânea e suas relações. Com o desejo de ampliação desses debates, agradecemos a possibilidade de organização deste número.

Muito obrigado e boa leitura!

Paulo Eduardo Benites de Moraes  
Eduardo Horta Nassif Veras